

O HUMANISMO E A FENOMENOLOGIA NA GEOGRAFIA

META

Discutir a influência do Humanismo na História do Pensamento Geográfico

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

perceber a influência do Humanismo na história do pensamento geográfico.
entender a proposta fenomenológica no contexto da Geografia Humanista.

PRÉ-REQUISITOS

Considerando a complexidade do tema, já abordado por diversos autores e considerando ainda, que este texto foi pensado e escrito sob a ótica dos autores mencionados na bibliografia, é recomendável que você faça a leitura da mesma, indicada no final dessa aula, o que facilitará a sua compreensão, ao tempo em que suprirá as possíveis lacunas do texto.



(Fonte: falandodefemenologia.blogspot.com).

INTRODUÇÃO

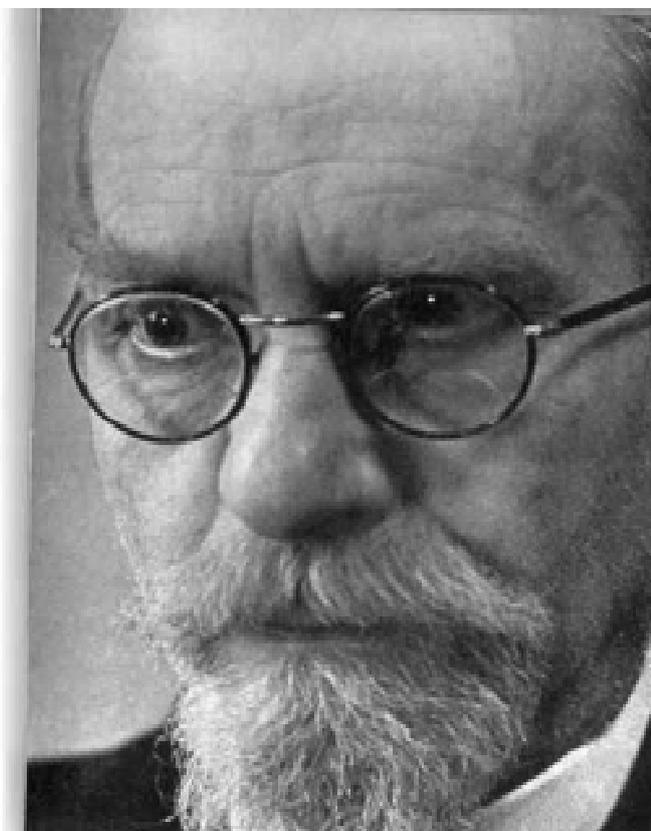
Prezado aluno,

Para você entender a trajetória histórica da ciência geográfica, é preciso mais uma vez adentrar no passado, para buscar a produção intelectual de autores que escreveram sobre a Geografia em diferentes períodos.

Na década de 1970, surgiu a Geografia Humanista que está embasada nas filosofias do significado, especialmente a Fenomenologia e o Existencialismo. Na verdade, tal corrente de pensamento expressou a sua crítica à Geografia de cunho lógico-positivista.

A Geografia Humanista está apoiada em pressupostos da Fenomenologia como: subjetividade, intuição, sentimentos, experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e não o particular, e ao invés da explicação, tem na compreensão a base de inteligibilidade do mundo real.

Chamo a atenção para o fato de que muitos autores foram citados na bibliografia desse texto, mas o livro *Geografia e modernidade*, de Paulo César da Costa Gomes, foi a principal referência para a elaboração dessa aula.



Edmund Husserl fundador da Fenomenologia
(Fonte: falandodefemenologia.blogspot.com).

O HUMANISMO E A FENOMENOLOGIA NA GEOGRAFIA

Vamos conhecer um pouco da Geografia Humanista? Foi um movimento de ideias que destacou os aspectos humanos. Assim, a Geografia humanística tentou compreender como as atividades e fenômenos geográficos revelam a qualidade da percepção humana. Desse modo, a compreensão do homem e de sua condição é alcançada. Dentro desse propósito, a produção de conhecimento se dá através da experiência concreta.

A influência do Humanismo, nas Ciências Sociais, durante os últimos anos, aflorou uma enorme diversidade de concepções que são marcantes na História do Pensamento Geográfico. Muitos estudiosos seguindo esta orientação metodológica:

[...] invocam autores diferentes, tentando obter deles novas vias para o conhecimento geográfico. Encontram-se aí, tanto marxistas como L. Althusser, G. Poulantzas, ou ainda, K. Marx e F. Engels, quanto sociólogos e filósofos, como J. P. Sartre, M. Ponty, G. Bachelard, J. Habermas, M. Weber, C. Geertz, A. Giddens, ou ainda, fenomenologistas, como E. Husserl, M. Heidegger e K. Jasper, e até mesmo literatos, como Shakespeare, Goethe e Hesse. (GOMES, 2007, p. 304).

Mas o que caracterizou essa corrente de pensamento? A diversidade de ideias e até mesmo a ausência de um programa unitário. Assim, os autores que se autodenominam como humanistas buscaram referências variadas, uma vez que a exclusão é vista como um risco à limitação e ao empobrecimento da análise.

Para contextualizar mais adequadamente essa discussão, Gomes (2007) nos conduz a olharmos o passado para lembrarmos alguns aspectos do Humanismo já discutidos anteriormente. Esse autor nos chama a atenção para o seguinte fato:

A definição da geografia humanista herda todos os problemas advindos da própria noção de humanismo, que nem sempre é utilizada com os mesmos limites, nem com o mesmo conteúdo. A primeira conotação, a mais forte, faz referência ao movimento que, em ruptura com a tradição da Idade Média, redefiniu a imagem do mundo e da sociedade. A delimitação espaço-temporal do humanismo não é de forma alguma consensual, pois ele exprime uma tendência geral fundada sobre uma mudança de atitude e de concepção que pode ser interpretada de diferentes maneiras. (GOMES, 2007, p. 307).

O referido pesquisador destacou que algumas das características fundamentais do Humanismo foram retomadas pela Geografia. A primeira diz respeito à visão antropocêntrica do saber. A segunda característica é a adoção de uma posição epistemológica holística. O Humanismo refutou vigorosamente o procedimento analítico, acusado de perder a riqueza do todo, limitando-se à análise das partes. O terceiro ponto importante para os humanistas refere-se à consideração do homem como produtor de cultura - cultura no sentido de atribuição de valores às coisas que nos cercam. Assim, esta cultura só pode ser interpretada a partir do código dos grupos que a criaram. O quarto ponto relaciona-se ao método. Se o método lógico e analítico trabalha com abstrações artificiais, somente um procedimento que leva em conta os contextos próprios e específicos a cada fenômeno pode ser considerado como eficiente. Esse método chama-se hermenêutica. O quinto ponto diz respeito à relação entre a ciência e a arte. “Para chegar a uma verdadeira interpretação das culturas, em sua inscrição espacial, o geógrafo deve ser capaz de reunir o maior número de elementos possíveis que tratam dos valores, das significações e das associações construídas por um grupo social”. (GOMES, 2007, p. 314).

A Fenomenologia, na Geografia Humana, “[...] diz respeito ao que Kirk denominou de ambiente dos fenômenos”. (JOHNSTON, 1986, p. 211). O conteúdo daquele ambiente é único para cada indivíduo, pois cada um de seus elementos é o resultado de um ato de intencionalidade. Acrescentou ainda esse autor, “que o seu significado é atribuído pelo indivíduo, sem o qual ele não existe, mas com o qual ele influencia o comportamento” (JOHNSTON, 1986, p. 211). A Fenomenologia vai estudar como tais significados são definidos.

Nessa corrente de pensamento, o pesquisador observa como os indivíduos estruturam o ambiente de um modo inteiramente subjetivo; o pesquisador deve agir sem pressuposições ou julgamentos, não usando nenhuma de suas próprias ideias ao procurar compreender seu objeto de estudo.

Nesse sentido, é importante perceber que nessa corrente, o conceito de paisagem e de região foram revalorizados, e o conceito de território tem na Geografia Humanista, uma de suas matrizes. O lugar se tornou o conceito-chave mais relevante, e o espaço adquiriu para muitos autores, o significado de espaço vivido.

É somente a partir do início dos anos setenta, com a publicação sucessiva dos artigos de Relph e de Yi-Fu Tuan, que a aplicação dos conceitos da Fenomenologia à Geografia se manifestaram com clareza. Tuan entendeu que na ciência clássica, minimizou-se a importância e o papel da consciência humana para o conhecimento. Diferentemente daquela ciência, a Fenomenologia dá a possibilidade de restabelecer o contato entre o mundo e as significações, por possuir a verdadeira medida da subjetividade, pois conhecer o mundo é conhecer a si mesmo.

Nesse sentido, Corrêa (2003) chamou a atenção para o pensamento de Yi-Fu Tuan, no que se refere ao estudo do espaço “[...] no âmbito da geografia humanista consideram-se os sentimentos espaciais e as idéias de um grupo ou povo sobre o espaço a partir da experiência” (CORRÊA, 2003, p. 30). Tuan argumentou ainda que “[...] existem vários tipos de espaços, um espaço pessoal, outro grupal, onde é vivida a experiência do outro, e o espaço mítico-conceitual que, ainda que ligado à experiência, extrapola para além da evidência sensorial e das necessidades imediatas e em direção a estruturas mais abstratas” (CORRÊA, 2003, p. 30).

Tuan tratou ainda do espaço sagrado como sendo, “[...] o *locus* de uma hierofania, isto é, uma manifestação do sagrado” (CORRÊA, 2003, p. 31). Esse autor destacou outro estudo que também tratou do espaço sagrado: o de Rosendahl em 1994, que definiu “o espaço sagrado como o “ponto fixo”, lugar da hierofania, e o entorno; envolvendo o espaço sagrado aparecem, respectivamente, os espaços profanos direta e indiretamente vinculados: todos configuram o espaço da pequena vila” (CORRÊA, 2003, p. 31).

O lugar para Tuan tem um outro significado: possui um espírito, uma “personalidade”, havendo um sentido de lugar que se manifesta pela apreciação visual ou estética e pelos sentidos a partir de uma longa vivência.

A temática do espaço vivido está particularmente vinculada à Geografia francesa e tem suas raízes, sobretudo na tradição vidaliana. O espaço vivido é também um campo de representações simbólicas, rico em simbolismos que vão traduzir. Em relação ao conceito de espaço vivido, o estudo de GALLAIS (1977) é de fundamental importância, pois a partir do conceito de distância o autor colocou em evidência aspectos importantes sobre o espaço vivido nas sociedades primitivas tropicais.

Gallais afirmou que “nas sociedades industriais o espaço vivido está assentado sobre uma cadeia relativamente neutra de unidades quilométricas geradora de uma concepção homogênea de distância objetivada por custo ou tempo” (CORRÊA, 2003, p. 32). Tal homogeneidade reflete uma certa identidade cultural, que inclui uma linha regular e monótona de contagem tanto do espaço, como do tempo, além da eficiência da técnica que elimina certas especificidades do meio.

Conforme Corrêa (2003), nas sociedades tropicais primitivas, o espaço e o tempo, são concebidos descontinuamente, com bloqueios ou cortes brutais. O espaço vivido é fragmentado em função do pertencimento ao mesmo povoado, linhagem, tribo, grupo etnolinguístico, casta ou área cultural, que fornecem referenciais básicos para o cotidiano em sua dimensão espacial. Desse modo, o espaço vivido das sociedades primitivas tropicais, segundo Gallais, é profundamente marcado por três concepções de distância, que nas sociedades industriais possuem reduzido peso: distância estrutural, afetiva e ecológica. A distância estrutural pode am-

pliar ou reduzir as relações entre os lugares quando confrontada com a distância objetiva. Assim, no delta interior do Níger, na África, os três quadros regionais — a área de solos agricultáveis, área de savana com pastoreio e a área de águas de pesqueiro são caracterizadas por organizações históricas, técnicas, sociais, de bens de raiz e religiosas que lhes são próprias, estranhas entre si, estruturalmente afastadas, embora vizinhas, ou superpostas dentro de uma percepção objetiva da distância.

A conduta de Yi-Fu Tuan, por exemplo, estabeleceu o sentido particular de cada cultura em relação a seu espaço. No entanto, em um dado momento de sua análise, Tuan não hesitou em utilizar as oposições binárias universais (morto-vivo, luz-obscuridade, indivíduo-sociedade, etc.), como se elas fizessem parte de um pensamento eidético fenomenológico. Esta abordagem possui profundas semelhanças com o pensamento da Antropologia Estrutural de Lévi-Strauss. Sem dúvida alguma, esse raciocínio é, portanto, fundado sobre princípios claramente diferentes, até mesmo irreconciliáveis, em relação a uma conduta fenomenológica. Entrikin, aliás, acentua exatamente a confusão feita por alguns humanistas entre os conceitos de estrutura e essência. Ele sustenta que esta combinação entre estudos fenomenológicos/existencialistas e o Estruturalismo é, sem dúvida alguma, impossível.

CONCLUSÃO

A Filosofia Fenomenológica propõe um verdadeiro conhecimento a partir de uma experiência originária pelo viés da redução fenomenológica, que procura o essencial na experiência particular. O meio utilizado nesta perspectiva é a descrição minuciosa, despojada de todo preconceito. Este procedimento, que consiste em afastar todos os pressupostos, deve afastar também os conceitos e as categorias universais como aquelas citadas por Tuan, as quais estão em total contradição com os preceitos de base da Fenomenologia clássica.

RESUMO

Na década de 1970, vimos o surgimento da Geografia Humanista que foi, na década seguinte, acompanhado da retomada da Geografia Cultural. Semelhantemente à Geografia Crítica, a Geografia Humanista, calcada nas filosofias do significado, especialmente a Fenomenologia e o Existencialismo, é uma crítica à Geografia de cunho lógico-positivista. Diferentemente daquela, contudo, é a retomada da matriz historicista que caracterizava as correntes possibilista e cultural da Geografia Tradicional.



A Geografia Humanista está assentada na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e não o particular ou o universal e, ao invés da explicação, tem na compreensão a base de inteligibilidade do mundo real.

Na Fenomenologia, entende-se que não há um mundo objetivo separado da existência do homem. É nesse mundo objetivo, aliado à existência do homem, que o conhecimento se desenvolve. Todo conhecimento resulta do mundo da experiência por isso, não pode ser independente daquele mundo.

Nessa corrente de pensamento, o geógrafo vai estudar como os indivíduos estruturam o ambiente de um modo inteiramente subjetivo; o pesquisador deve agir sem pressuposições ou julgamentos, não usando nenhuma de suas próprias ideias, ao procurar compreender seu objeto de estudo. Dentro desse propósito, o conceito de paisagem foi revalorizado, assim como a região, e o conceito de território tem na Geografia Humanista uma de suas matrizes. O lugar se tornou o conceito-chave mais relevante, e o espaço adquiriu para muitos autores, o significado de espaço vivido.

ATIVIDADES

1. Qual a importância da fenomenologia para o pensamento geográfico?



COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Leia novamente o texto dessa aula e perceba que a Fenomenologia nos apresentou uma nova forma de entender os fenômenos geográficos. Dentro desse novo propósito, alguns conceitos da ciência geográfica foram revalorizados como: paisagem, região, território. O lugar se tornou o conceito-chave mais relevante, e o espaço adquiriu, o significado de espaço vivido. Acredito que com essa dica você responderá a questão proposta.

PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, você entenderá como a Geografia se comporta nos dias atuais.





AUTO-AVALIAÇÃO

Agora que você terminou a sua leitura, indique o nível de compreensão deste texto:

Excelente (...)

Bom (...)

Regular (...)

Ruim (...)

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Inês Lacerda. **Introdução à filosofia**. Curitiba: Editora da UFPR, 1993. (Didática).
- CHRISTOFOLETTI, Antonio. (org). **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, 1982.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios).
- _____. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- FALCON, Francisco José Calazans. **História Cultural: uma visão sobre a sociedade e a cultura**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- GADOTTI, Moacir. **História das Idéias Pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1993. (Série educação).
- GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- HARTSHORNE, Richard. **Propósitos e natureza da Geografia**. São Paulo: Hucitec, 1978.
- JOHNSTON, R. J. **Geografia e Geógrafos: a geografia humana anglo-americana desde 1945**. São Paulo: Difel, 1986.
- REALI, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: do Romantismo até os nossos dias**. São Paulo: Paulus, 1991. (Coleção Filosofia).